

A propagação da violência online: análise de enunciados violentos emitidos à torcedora acusada de racismo contra goleiro Aranha

The online violence spread: Violent statements analysis sent to the fan accused of racism against goalkeeper Aranha

Pricilla Farina Soares¹

Universidade Católica de Pelotas. Rua Gonçalves Chaves, 373, Centro, 96015-560, Pelotas, RS, Brasil. pricillafarina@outlook.com

Resumo. No dia 29 de agosto de 2014, o jornal Folha de S. Paulo, em sua *fanpage* no Facebook divulgou a postagem “Ato racista contra Aranha gera comoção nas redes sociais, e torcedora que foi flagrada xingando o goleiro é ‘caçada’ pelos internautas”. Neste trabalho, foram analisados, em 7.846 comentários coletados até o dia 1º de setembro de 2014, enunciados violentos emitidos à torcedora acusada de racismo, e a ligação dos xingamentos com o fato de se tratar de alguém do gênero feminino, a fim de se perceber como ocorre a disseminação e legitimação da violência nos *sites* de redes sociais, especificamente a violência de gênero. Para a análise, foram levadas em consideração as teorias de discurso e poder de Foucault, poder simbólico de Bourdieu e conceitos de violência e ódio abordados por Lebrun, Hobbes e Bourdieu, bem como os conceitos de gênero de Butler, Louro e Scott.

Palavras-chave: discurso, violência *online*, violência de gênero.

Abstract. On 29 August 2014, Folha de S. Paulo, in its fanpage on Facebook announced the post “racist act against Aranha creates commotion on social networks, and fan who was caught cursing the goalkeeper is ‘hunted’ by Internet users”. In this paper, were analyzed violent statements issued to the fan accused of racism in 7,846 comments collected until September 1st, 2014, and the connection of swearing with the fact that it is a woman, in order to understand how the dissemination and legitimation of violence in social networking sites work, specifically regarding gender violence. For the analysis the speech and power theories ‘of Foucault, the symbolic power of Bourdieu, and concepts of violence and hatred approached by Lebrun, Hobbes and Bourdieu and Butler, Laurel and Scott’s gender concepts were taken into account.

Keywords: speech, online violence, gender violence.

Introdução

A maneira como o gênero feminino é construído discursivamente na sociedade faz parte das relações estabelecidas entre os sujeitos, bem como suas diversificadas formas de manutenção do poder, colocadas pelo discurso,

impostas por ele, estabelecidas e aceito pela maioria. Autores como Bourdieu (1989) trabalham o conceito de poder simbólico a partir das estruturas sociais e das designações dadas aos diferentes grupos existentes, que acatam suas funções e são coagidos por um poder simbolicamente construído, o que acaba

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, bolsista CAPES e membro do MIDIARS- Grupo de Pesquisa em Mídia, Discurso e Análise de Redes Sociais.

estabelecendo tipos de violências que não são somente físicas, mas se apresentam mais friamente eficazes do que elas. Como o intuito da violência e do poder simbólico se perpetua e é administrado pelas classes dominantes, por parte daqueles que o detém, os *sites* de redes sociais se tornam uma ferramenta abrangente para a manutenção dessas hierarquias de poder e de uma violência que estigmatiza.

Por ser uma plataforma onde qualquer pessoa pode emitir suas opiniões livremente, e por isso mesmo reforçar discursos já estabelecidos, os *sites* de redes sociais poderiam sugerir uma nova forma de encarar esses estigmas, e canalizar determinada violência para atos mais democráticos, menos acusatórios. Entretanto, percebemos que o número de comentários contendo discursos machistas e violentos se propagam em rede, com legitimação de inúmeros perfis, e com milhares de amigos conectados a eles. Mas, é possível distinguir nitidamente a quem esses comentários são direcionados? E de que maneira?

O presente trabalho teve como principal intuito evidenciar os comentários violentos e explícitos de uma postagem de uma *fanpage* neutra no *Facebook* – neutra no sentido de que não se trata de um perfil com amigos específicos da rede, portanto, uma rede mais aberta – em que a legenda da postagem trata sobre um caso de violência que uma torcedora cometeu contra um goleiro do time adversário, classificando-a como racista. A ideia inicial é apresentar como um caso de violência gera uma onda de mais violência na rede e, a partir daí, identificar os discursos contidos nos principais comentários desses sujeitos. Outro intuito é entender se, além de violentos, os comentários também apresentam um discurso machista, que congela as noções estigmatizadas atribuídas às mulheres e o quão fortes essas opiniões estão sendo colocadas em rede. No próximo tópico, serão abordados os conceitos de gêneros e como esses conceitos estão sendo questionados.

Os gêneros como construções discursivas

Quando se questionam os conceitos de gênero, também são questionadas e abordadas suas relações aos conceitos de sexo e sexualidade. Inicialmente, o gênero e o sexo seriam indissociáveis, pois, biologicamente, haveriam dois sexos – o masculino (macho) e o feminino (fêmea) – e a eles estariam condicionados res-

pectivamente os gêneros masculino e feminino. Inicialmente, portanto, o sexo seria binário e pré-discursivo, tendo uma divisão biologicamente explicável. Mas, Butler (2013) e Scott (1995), entre outros e outras autoras, dirão que o discurso também constrói o que está biologicamente estabelecido. Então, a classificação dos sexos não é necessariamente pré-discursiva, mas faz parte de um discurso de poder. Os grupos de poder estabelecem que, majoritariamente, o normal é o sexo masculino ser correspondente ao gênero masculino, e o sexo feminino, correspondente ao gênero feminino, e que esses sexos/gêneros se relacionam, estabelecendo como parte de uma realidade construída, que a normalidade entre sexos e gêneros e suas relações é heterossexual. Por isso, há uma dificuldade de se ter uma sexualidade livre dos constructos heterossexuais (Butler, 2013). Para Butler (2013), o sexo é uma significação performativamente ordenada, o que significa que a autora relaciona o sexo ao gênero, e a natureza, à cultura.

Ou seja, a constituição do(s) gênero(s), a partir de uma visão da autora, não seria mais vista como relacionada direta e unicamente ao sexo, ao *status* biológico que cada sujeito recebe ao nascer, mas, sim, a uma construção cultural. Butler (2013, p.24) dirá que “[...] o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado”, logo, o gênero uma construção cultural, não sendo apenas binário, mas múltiplo e performático. Na análise dos comentários coletados, essa performatividade será percebida não somente em relação à construção do corpo como *performance*, mas todo comportamento relacionado ao gênero feminino que faz com que as pessoas identifiquem naquele comportamento uma mulher.

Por performático, então, ela quer dizer que há uma intenção, onde, performando o corpo, este passa a significar-se socialmente. O corpo ajudaria a transparecer o gênero assumido discursivamente por parte de cada sujeito. Para Butler (2013), o corpo é construído por um conjunto de fronteiras, tanto sociais como individuais, que significam, simbolicamente, e que são mantidas dentro de um contexto histórico. Para Guacira Lopes Louro (2004), esse entendimento do gênero interligado ao sexo acontece em uma sequência socialmente construída constituída da seguinte forma: Sexo – Gênero – Sexualidade.

O sexo leva a um gênero, socialmente construído e imposto por meio de um sexo até então biológico, e que, consequentemen-

te, influencia na sexualidade, na forma como cada um conduz e interpreta seus prazeres na sociedade. Essas imposições são reafirmadas pela linguagem, que, quando se sobressai em enunciados como “é um menino” ou “é uma menina” legitima as construções de poder colocadas sobre como um gênero deve corresponder a um sexo. Mas, se o gênero é construído nas relações sociais em contextos específicos, aquilo que a pessoa é sempre vai se referir às relações em que ela foi se construindo e executando sua *performance*. “Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (Butler, 2013, p. 29).

Scott (1995) também corrobora a ideia de um gênero performático. Para a autora, a partir do momento em que o gênero se desvincula das explicações biológicas, e passa a ser performativo (Butler, 2013), torna-se uma forma de indicar as construções culturais em um espaço-tempo, tornando o gênero como algo social e, ao tornar-se social, ele faz parte de uma categoria imposta sobre um corpo sexuado, mas que não necessariamente esteja vinculado a ele. Isso acontece porque se passa a diferenciar a prática sexual dos papéis sexuais, e o termo gênero passa a enfatizar “[...] todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (Scott, 1995, p. 76). Para a autora, essa ideia é essencial para que se compreenda que tanto o homem quanto a mulher são construídos, porque o estudo de um depende do estudo do outro, já que o mundo no qual as mulheres estão inseridas é criado no e faz parte do mundo dos homens (Scott, 1995). As construções ideacionais do que é ser um homem ou ser uma mulher ficam asseguradas pelo discurso, que estabelece diferenças físicas e comportamentais sobre cada gênero.

Então, se o gênero é uma construção simbólica, assegurada pela linguagem, os discursos que vão se formar a partir dessas concepções, e como os grupos irão, por meio de um discurso de poder, impor comportamentos e condutas de cada gênero, influencia diretamente na forma como as pessoas encaram os sentidos de verdade que se espalham nas redes *online*. No próximo tópico, serão discutidos o conceito de poder e sua relação com o discurso e a construção de verdades.

Poder estabelecido pelo discurso

Para Foucault (1998), o discurso não é uma maneira de se obter e impor poder, ou de organizá-lo, ele é em si, uma forma de poder. O autor estudava o discurso como forma de representação, já que o que interessava a ele não era se as coisas de fato existiam, mas sim o que elas poderiam significar dentro de um contexto histórico. Para Foucault (1998), os discursos são controlados, estabelecem normas e condutas, e geram poder. E se o discurso é sobre a produção de conhecimento por meio da linguagem, logo, os sujeitos e suas condutas são construídos discursivamente pelas relações de poder, porque o discurso funciona como uma prática social, que constrói sentidos nas relações e nos enunciados em funcionamento. Isso quer dizer que os sujeitos e objetos só existem quando constituídos por uma prática dentro de uma dada formação da sociedade.

Foucault (2014) vai dizer que o poder, assim como o discurso, está em todos os lugares, que ele depende não apenas do Estado, mas sim das estruturas sociais e das relações. Ou seja, não é apenas o Estado que impõe normas e estabelece condutas, mas, sim, todos os discursos criados em várias camadas sociais e até mesmo nas mínimas conversas cotidianas, ao que o autor chamou de microfísica do poder. Partindo dessa ideia, para ele, o poder penetra profundamente e sutilmente em toda trama da sociedade. Isso quer dizer que as ações sociais de poder vão acontecer sempre em ação, por relações de força.

O que é relevante ressaltar nas construções discursivas que estabelecem os micropoderes é que nem sempre esse discurso de poder será negativo. Foucault (2014) acreditava que o poder tinha um lado positivo, de resistência e transformação, já que, para se impor frente a um discurso de poder que pode ser negativo, há um novo discurso, também estabelecido pelo poder. Para o autor, se o poder tivesse apenas um lado repressivo, ele não seria obedecido. Então, ele é aceito e se mantém porque, além de controlar e conduzir, o poder também constrói, produz coisas e discursos, constitui saberes. O poder só é forte porque tem efeitos positivos no nível do desejo e do saber.

Entende-se, a partir daí, que, se a sociedade se forma por essas relações de poderes, os sujeitos podem, em diferentes momentos, exercer o poder e sofrer suas ações. O que se entende do poder é que “onde há o poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando,

seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui” (Foucault, 2014, p. 138). Por não ter titulares, cada discurso, cada luta de inversão de poder por parte daqueles que não o detém vai acontecer dentro de um foco particular de algum momento ou contexto histórico. O que estabelece quem e quando os sujeitos têm poder são os discursos criados em torno da e pela sociedade, que vão estipulando sentidos de verdade, estabelecendo quais discursos são verdadeiros e como devem ser assimilados.

O discurso da verdade, segundo Foucault (1998), corresponde a um discurso que esteja no verdadeiro, que faça sentido dentro de uma realidade estabelecida. Para o autor, somos obrigados pelo poder a produzir verdade, estamos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. Ou seja, o exercício do poder só se torna possível porque é preciso uma economia de discursos que criam a verdade e, por conseguinte, estabelecem poderes.

Outro autor que também trabalhou com o poder e a criação de uma realidade produzida pelos poderes simbólicos foi Bourdieu (1989). Ao retomar conceitos de estruturação de sociedades, o autor falava das estruturas que formam os sistemas simbólicos, como a religião, a arte e a própria língua. Para ele, essas estruturas simbólicas seriam socialmente produzidas, e o poder simbólico ajudaria a construir uma realidade. Os símbolos serviriam para integrar a sociedade, e isso ajudaria na construção de sentidos para o mundo, assim como no estabelecimento das normas sociais. Partindo da ideia que os sujeitos se subdividem em grupos, os quais alguns serão os dominados e outros, os dominadores, a forma como alguns vão se manter como dominadores vai se dar por meio de um poder simbólico, imposto pelas estruturas sociais e pelos discursos.

Mesmo que Foucault tenha como foco os micropoderes, aqueles discursos de poder que ocorrem nos menores grupos da sociedade, e Bourdieu trate de dominações mais aparentes, ambos tratam de um poder imposto socialmente e perpetuado discursivamente, ambos tratam de um poder colocado simbolicamente, que estabelece sentidos de verdade ou de realidade e que fazem com que as sociedades assim se organizem. E Bourdieu (1989), além de tratar do poder simbólico, também o relacionou à violência simbólica. O autor compreendia que, para se obter poder, e este ser

imposto sob outros grupos, há uma espécie de violência, que não é física, mas sim colocada pelas estruturas hierárquicas e sociais, e pela própria linguagem. No próximo tópico, o conceito de violência simbólica será esclarecido.

Violência nem tão perceptível

Alguns autores, como Arendt (2009), Maffesoli (1987), Lebrun (2008) e Hobbes (2006, 2014) discutiram se a violência seria algo intrínseco ao ser humano ou se ela seria construída a partir das relações de hierarquia e manutenção dos grupos sociais que vão sendo estabelecidos dentro de um contexto histórico. Jean-Pierre Lebrun (2008), psicanalista francês, faz uma análise da violência a partir do ódio, pelas ideias iniciais de Freud, em que o foco de interesse se volta para o fato de que os sujeitos são, virtualmente, inimigos da civilização. Para o autor, o ódio está inteiramente ligado à violência, em manifestações do cotidiano, como parte de fatores históricos. O ódio seria um sentimento, e as intolerâncias de cada sujeito corresponderiam às materializações desse sentimento. Ou seja, a violência e o ódio estariam relacionados às mudanças históricas e às transformações sociais pelas quais as pessoas passam, mas igualmente vinculados ao que essencialmente já faz parte do ser humano. Para Lebrun (2008), o encontro com o outro será sempre violento, porque, para ele, a própria linguagem, o ato de nomear as coisas e o fato de que cada um trata o receptor como apenas um outro, e não como um igual, vai gerar sentimentos de violência que – junto com as normas – serão apaziguados e controlados.

O ódio surge quando não se reconhece que o outro é apenas um semelhante, quando não se vê que o outro é necessário para a manutenção da sociedade, o que faz com que a violência seja extravasada na fala. Lebrun (2008) diz que os sujeitos respondem a alguns rituais para que a interação seja mantida dentro de uma estrutura com o menor grau de violência possível. Esses rituais são formas de organizações sociais para que as pessoas possam conviver mais harmonicamente.

Se entendemos que os homens não se veem como iguais e precisam de rituais para poderem conviver, Hobbes (2006) acreditava que os homens procuram sempre viver em sociedade para que cada um possa receber alguma honra ou algum lucro com essa condição, ter alguma vantagem em viver socialmente. Para ele, como nós, sujeitos, somos violentos, não fomos

feitos para viver socialmente, mas, mesmo assim, nos organizamos para que, por meio dessas relações, e pela própria linguagem – que gera ódio e que também coloca em ordem as estruturas sociais – consigamos nos contentar ao ver no outro – que não é considerado, como falou Lebrun, um igual – as fraquezas e as falhas, que, a princípio, não existem em que as observa. Para Hobbes (2006), isso acontece porque os sujeitos têm vontades semelhantes entre si e, como não podem desfrutar de todas elas igualmente, acaba-se criando uma tensão – ou como o autor considerava – como um estado de guerra.

Por esses motivos, para viver em sociedade, o sujeito passa a diminuir o outro para suportá-lo. Portanto, a violência está em tornar esse sujeito alguém inferior em relação a si, para que a sociedade, apesar de formada sob tensão, possa permanecer com certos processos clássicos de rituais estabelecidos previamente. Esses rituais, ou normas, são colocados tanto entre os grupos sociais, como estudava Foucault (2014), como por instituições de poder maiores. É quando algum sujeito se sente prejudicado pelo outro não ter seguido as normas compatíveis de convivência (normas estas que controlam essa violência já presente no ser humano), ou pelo outro ter tentado subvertê-las, que os demais se julgam no direito de rechaçá-lo. Essa manutenção de classes de poder e de discursos majoritários ocorre pelo que Bourdieu (1989) chamou de violência simbólica.

Bourdieu (1989) fala da violência simbólica a partir das estruturas que formam os sistemas sociais e simbólicos, ou seja, das relações e dos grupos que vão sendo formados socialmente e que estabelecem, conforme já foi dito, um poder simbólico, que cria sentidos de realidade e normas a serem obedecidas. Esses sistemas simbólicos integram as pessoas socialmente, e os papéis de dominação serão estabelecidos seja apenas discursiva ou economicamente ou por meios políticos. Para que esse poder não palpável seja estabelecido, é preciso haver uma forma de coerção social que permita aos dominados não se sentirem dominados, ou seja, identificarem seus papéis dentro da sociedade preestabelecida e os aceitarem como se fosse esta a única realidade. Esse poder de imposição realizado por algumas classes é, na verdade, uma representação da realidade, que demanda conhecimento e reconhecimento das pessoas para ser tida como tal. Para que isso ocorra, os dominadores usarão a violência simbólica, já que ela está atrelada às estruturas dos sistemas simbólicos e sociais.

A violência simbólica funciona, portanto, como forma de coerção e afeta diretamente a vida das pessoas porque atribui aos discursos e aos símbolos significados pejorativos, que estabelecem estigmas, estereótipos e preconceitos. O termo “simbólica” é usado justamente por essas atribuições carregadas de simbolismos feitas pelos sujeitos. Por ser invisível, e pelo fato de as pessoas a aceitarem como parte da realidade, na qual os sujeitos aceitam como natural algo que é criado – como é o caso da performatividade dos gêneros e a relação do sexo aos gêneros, e à própria sexualidade – são violências pouco discutidas, porque não são diretas, embora denotem as diferenças nas práticas sociais.

Com os *sites* de redes sociais, essas normas se perdem em diferentes grupos, e a violência se destaca. Além disso, os sentidos de realidade criados pelo poder simbólico se apresentam, conforme veremos na análise a seguir, reforçando alguns estereótipos e construções do gênero feminino, tentando colocar a mulher em uma posição inferior na sociedade.

Violência de Gênero em rede: análise dos comentários emitidos à torcedora acusada de racismo

O objeto de análise deste trabalho foi uma postagem no *Facebook*, da *fanpage* do veículo jornalístico “O Globo”, publicada no dia 29 de agosto de 2014, intitulada “Ato racista contra Aranha gera comoção nas redes sociais, e torcedora que foi flagrada xingando o goleiro é ‘caçada’ pelos internautas (*Facebook*, 2014)”. A chamada para a reportagem se refere a uma torcedora do time de futebol Grêmio que chamou o goleiro Aranha, do time adversário, de macaco. As câmeras flagraram o ato de racismo e, com a divulgação nos *sites* de rede social, milhares de pessoas começaram a comentar o assunto e enviar xingamentos à torcedora, que teve sua foto publicada (conforme Figura 1).

O objetivo deste trabalho foi analisar os comentários violentos emitidos à torcedora acusada de racismo, e a ligação dos xingamentos com o fato de se tratar de alguém do gênero feminino, e perceber se esses comentários acabam também cultivando a violência em redes *online*, mantendo como um dos focos dessa violência a condição do ser mulher, violentando-a discursivamente e impondo ou reforçando aspectos performativos já estabelecidos pela sociedade relativos ao gênero feminino.



Figura 1. Postagem mostrando a torcedora acusada de racismo.
Figure 1. Post showing the roofer accused of racism.

Fonte: Facebook - Folha de S. Paulo.

Para isso, foram coletados os comentários publicados entre os dias 29 de agosto e 1º de setembro de 2014.

Por se tratar de uma *fanpage*, a rede é emergente, ou seja, é formada por indivíduos que interagem em algum momento com alguma intensidade (Recuero, 2009), como quando alguém resolve comentar em uma postagem específica de uma *fanpage*; a interação e participação ocorrem, portanto, de forma irregular. No caso desta análise, os laços sociais estabelecidos entre os interagentes eram fracos, consequentemente, por terem redes sociais tão distintas, o alcance da postagem pôde ser maior do que se ela fosse compartilhada em uma rede mais fechada, com laços sociais mais fortes.

No total, até o momento final da coleta, haviam 43.761 curtidas, 16.165 compartilhamentos e, o objeto principal de análise, 7.846 comentários gerais. Dos 7.846 comentários gerais, 2.089 foram enunciados com algum tipo de

violência. Destes, 903 eram comentários violentos diversificados, como o uso dos termos “ridícula”, “lixo humano”, “idiota”, “vai morrer”, “imbecil” (exemplos nas Figuras 2 e 3).

Os outros 1.186 comentários continham discursos de violência de gênero, sendo que 840 comentários eram de homens, e 346 de mulheres. Nos enunciados, os termos mais utilizados foram: *vagabunda*, citado 221 vezes por homens e 68 vezes por mulheres, somando 289 comentários no total (Figuras 4 e 5).

Vaca, citado 122 vezes por homens e 64 vezes por mulheres, totalizando 186 comentários que continham o termo (ver Figura 6).

Vadia, citado 119 vezes por homens e 67 vezes por mulheres, totalizando 186 comentários (ver Figura 7).

“Falta de homem”, citado 136 vezes por homens e 45 vezes por mulheres. Um total de 181 comentários sobre o assunto (ver Figuras 8 e 9).

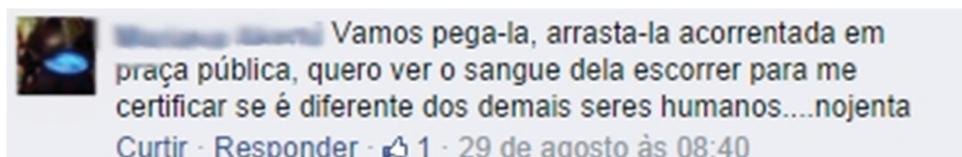


Figura 2. Exemplo de comentário na postagem de análise
Figure 2. Example of comment on the analysis.

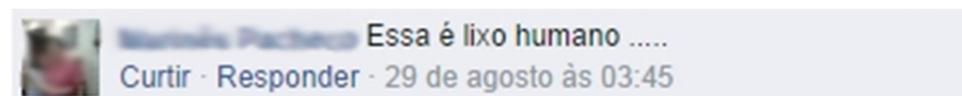


Figure 3. Exemplo de comentário pejorativo à torcedora.
Figure 3. Example of pejorative comment to roofer.



Figura 4. Exemplo de comentário contendo o termo vagabunda.
Figure 4. Example of comment with the word “slut”.



Figura 5. O termo vagabunda foi o mais citado entre os comentários da postagem.
Figure 5. The word “slut” was the most commented in the post.

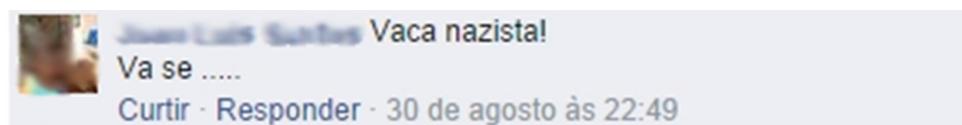


Figura 6. O termo vaca também foi um dos termos pejorativos mais usado nos comentários.
Figure 6. The word “cow” was one of the most pejorative comments used in the post, too.

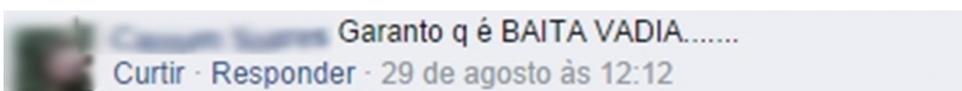


Figura 7. Exemplo de xingamento com o termo vadia, em que a questão de comportamento do gênero feminino ficou em pauta
Figure 7. Example of offensive comment with the word “bitch”. Here the female behavior was discussed.



Figura 8. Neste exemplo, a mulher é colocada discursivamente como alguém dependente do homem.
Figure 8. Here the speech talks about the woman’s dependence about man.

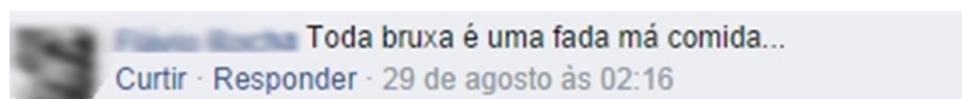


Figura 9. Outro exemplo que fala sobre a sexualidade da torcedora.
Figure 9. Another example talking about the woman’s sexuality.

Feia e suas variações, citados 48 vezes por mulheres e 42 vezes por homens, 90 comentários no total (Figura 10).

“Prostituta” ou “puta”, citados 57 vezes por homens e 09 vezes por mulheres, totalizando 66 comentários relativos aos termos (exemplo na Figura 11).

“Safada”, citado 41 vezes por homens e 16 vezes por mulheres, ou seja, 57 no total; Piranha, citado 36 vezes por homens e 19 vezes por mulheres, totalizando 55 comentários (exemplo na Figura 12).

Os termos “cachorra” ou “cadela” foram citados 33 vezes por homens e 7 vezes por mulheres, portanto, 40 no total. Outros termos, como “vagaranha”, “galinha”, “porca”, ou os enunciados “e é uma mulher!” e “futebol não é pra mulher” também surgiram em menor quantidade.

Com os enunciados apresentados nas figuras, percebe-se que o uso de termos que se referem a um comportamento voltado à sexualidade e ao gênero feminino estão presentes. A mulher, que de acusada torna-se vítima, é chamada de vagabunda, piranha ou puta, como forma de repressão, tentando, por meio de uma imposição discursiva e de um poder simbólico, colocá-la em um lugar socialmente inferior a partir de enunciados violentos.

Estabelecendo categorias para esses tipos de violência, podemos perceber que, conforme os enunciados mais utilizados nesta análise, a maioria se refere a dois macro estereótipos e construções discursivas sobre o gênero feminino: o comportamento social das mulheres – aqui incluindo principalmente as atitudes em relação à sua sexualidade – e a estética e a relação do corpo dessas mulheres com quem o julga. O termo “falta de homem” inclui um sentido de verdade estipulado socialmente de que se a mulher faz algo inapropriado ou se ela está em lugar que não é aceito socialmente, é porque ela não está amparada por uma relação heterossexual. Ao mesmo tempo em que a falta de homem coloca essa mulher em uma situação em que sua sexualidade é questionada pela falta de sexo, os demais termos, como “vagabunda”, “vadia”, “prostituta/puta” ou “safada”, a colocam na outra ponta da situação, na qual ter uma sexualidade livre também é questionada, mesmo que a postagem sequer se refira à sexualidade da mulher. Ou seja, a todo momento a violência simbólica se refere a questões discursivas criadas como forma de coagir a mulher e colocá-la em uma posição social cujo foco é a sua sexualidade ou o seu corpo, como no termo “feia”, também utilizado para atingir a acusada de racismo.



Figura 10. A beleza da mulher é levada em consideração, mesmo em casos em que o gênero não está sendo debatido.

Figure 10. Here the woman's beauty was questioned.



Figura 11. Variações dos termos vadia ou vagabunda também foram usados nos comentários.

Figure 11. Similar speeches with the words: “bitch” or “slut”.

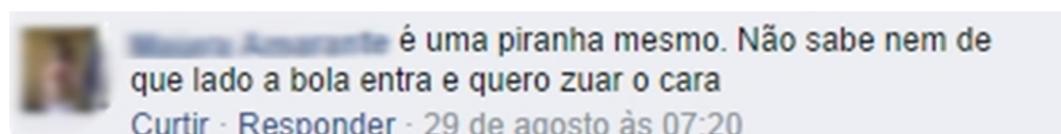


Figura 12. Novamente, a mulher é desqualificada com xingamentos, e sua hipotética falta de conhecimento.

Figure 12. The woman is disqualified about her hypothetical ignorance about soccer with name callings.

Alguns dos enunciados referiam-se não especificamente à torcedora, mas sim a todas as mulheres como em “Toda bruxa é uma fada mau comida”. Constrói-se, a partir de um discurso de poder, um sentido de verdade e realidade no qual as pessoas acreditam que, se uma mulher estiver ao lado de um homem para fazê-la feliz, ela não terá do que reclamar. Aqui, também há a questão performática da qual Butler (2013) falou, já que se espera da mulher, além de seus atributos físicos que a caracterizam como uma mulher, que ela se represente como alguém feliz, e não alguém que quebra as normas, alguém que pratica um ato de violência racista em que muitos disseram não ser algo aceitável, já que ela é uma mulher.

Portanto, além desses xingamentos, os enunciados carregam discursos violentos e incutidos socialmente que ganham *status* de verdade entre os grupos sociais, como a ideia de que o lugar da mulher é em casa, lavando pratos, que não entende de futebol ou que tudo não passa de carência afetiva. Por isso, essas construções discursivas circulam em torno de uma *performance* (Butler, 2013) construída e atribuída ao gênero feminino. Ou seja, a partir do momento em que os atributos do corpo fizeram com que a sociedade enxergasse aquele sujeito como alguém do gênero feminino, outros discursos de ódio relativos à conduta ou comportamento que devem ser aceitos ou não aceitos em uma mulher, também foram evidenciados nos comentários.

Alguns interagentes tentaram usar um discurso de poder de reversão (Foucault, 2014) dessa violência de gênero, esclarecendo que os comentários na verdade são agressivos e limitadores, como no exemplo da Figura 13, em que uma mulher fala da posição discursiva machista e da situação de violência à qual a torcedora acabou sendo exposta.

Entretanto, como o sentido de verdade em torno do que o gênero feminino deve ser e de como as mulheres devem se comportar – ou a forma que os sujeitos usam para atingir uma mulher por meio de xingamentos em que a sua sexualidade é o que mais se leva em consideração –, algumas pessoas não compreendem que os enunciados possam ser chamados de violentos, ou algumas (como é o caso do comentário da Figura 14) justificam o discurso da violência como plausível, já que a torcedora foi contrária a uma norma imposta, merecendo ser recriminada.

Vemos aqui que há uma posição discursiva de poder, colocada por um grupo que, por meio dos enunciados, estabelece que uma mulher deve ser xingada de “vadia” justamente porque isso a atinge e atinge o sentido de verdade criado acerca do comportamento social ao qual as mulheres deveriam se adequar. Poder xingar ou não de vadia uma pessoa que foi recriminada estabelece, discursivamente, aquilo que pode ou não ser dito. Há aí as relações de poder e como o discurso ajuda a manter ou não os padrões que caracterizam um gênero.

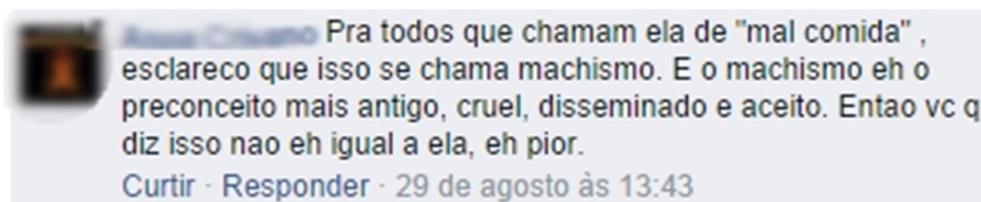


Figura 13. Exemplo de um comentário em que a mulher tenta estabelecer um diálogo sobre os discursos que estão circulando na postagem.

Figure 13. In this example, a woman tries to establish a dialogue with other speeches in the post.

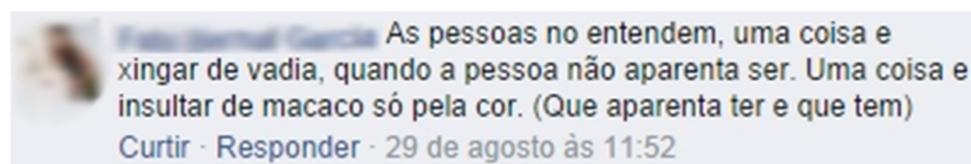


Figura 14. Comentário em que a pessoa tenta justificar a violência contra a torcedora.

Figure 14. Commentary where the person tries to justify the violence against the roofer.

Como não há normas pré-estabelecidas em um ambiente *online*, a difusão do discurso violento sendo combatido com outros discursos violentos acaba criando conhecimentos e saberes agressivos, que vão sendo disseminados em rede. Por ser um ambiente *online*, a violência acaba se espalhando mais, criando novas formas de poder, e um discurso de violência de gênero que já existe na sociedade, mas que não é levado em consideração como tal enquanto está sendo compartilhados em redes *online*. Se o gênero é socialmente construído, e se o discurso é poder, a sociedade parece aceitar que determinados símbolos discursivos são pejorativos, e que, sendo assim, quando alguém, no caso, uma mulher, que deveria se portar conforme as normas estabelecidas às mulheres não o faz, ela deve sofrer as consequências, e ter sua sexualidade e seu comportamento social e performativo questionado, rebatido.

É pelo poder simbólico e pela violência que alguns discursos são mantidos, que as pessoas se sentem aptas a utilizarem palavras que simbolicamente significam não apenas xingamentos, mas condutas que impõem comportamentos para cada gênero. Se o discurso de poder estabelece que ser racista não é algo positivo socialmente, e que a pessoa precisa se adaptar às normas e se portar conforme seu grupo social exige, ou seja, aceitar as diferenças raciais, evitando o conflito, o mesmo não ocorre em relação à questão do gênero. Nesse caso, a violência está enraizada no discurso racial, mas, também em relação ao gênero feminino. Por ser uma rede aberta, que permite inúmeros tipos de comentários e posicionamentos, não houve, nesse caso, nenhuma indicação de que a punição à torcedora deveria vir em forma de violência de gênero, direcionada ao fato de se tratar de uma mulher. Entretanto, quando um pequeno grupo começa a colocar sua posição sobre o fato baseado nessas situações em que a constituição e performatividade do gênero é relevante, outras pessoas também acabam por se contagiar e levar a questão apenas para uma visão, coibindo outros tipos de comentários defensivos ou sobre outras questões, como o próprio comportamento violento da torcedora. Os comentários são assim direcionados por se tratarem de alguém do gênero feminino, sendo assim, seu corpo, sua conduta e sua sexualidade são questionadas, por homens e mulheres.

Pela semelhança dos comentários, e o número alto de xingamentos, quase que sinônimos, pode-se entender que há um discurso de poder,

e tanto homens quanto mulheres acreditam que devam mantê-lo, o que coloca a mulher em uma posição de dominada, sem que as próprias mulheres que comentaram se sintam também atingidas. Como falou Bourdieu (1989), e como Foucault (2014) acreditava, o poder só é obedecido porque há uma vantagem em fazê-lo, nem que seja para a manutenção da convivência ou, no caso, até mesmo a exposição e o apoio de pessoas de redes sociais diferentes – mas desde que aquele que esteja sendo atingido pela violência não se sinta manipulado. Ou seja, os que xingam não identificam, na outra pessoa, na torcedora, alguém igual, mas sim, como afirmou Lebrun (2008), um inimigo virtual da civilização. Por isso, há uma economia dos discursos e, como vivemos em um mundo criado pelos homens (Scott, 1995), o machismo enraizado faz a manutenção da ordem nas sociedades, o que permite que estigmas sociais sejam mantidos e opiniões carregadas de violência sobre o assunto ganhem espaço e visibilidade nas redes sociais *online*.

Considerações finais

Com a análise dos comentários da postagem sobre um caso de racismo, segundo o qual pudemos identificar que a maioria se dirigia diretamente a xingamentos relacionados à condição de “ser mulher” da torcedora em questão, percebe-se que o discurso enraizado das culturas e das hierarquias – que vão desde os menores grupos até instituições significativamente maiores – influencia diretamente na relação que as pessoas vão estabelecer entre si e com os outros, estando em rede. Se a violência é intrínseca, mas também constituída socialmente, parece haver algumas vantagens em violentar simbolicamente o outro para que a sua verdade seja mantida, porque a maioria tem suas verdades atreladas ao discurso majoritário, aos micropoderes que se estabelecem e que geram estereótipos e preconceitos. A vantagem seria justamente de fazer parte de um grupo que pensa igual, e que ataca o outro, porque ele não é, até então, esse outro que pode ou não ter ferido as normas sociais. Entretanto, os sujeitos não se dão por conta que também estão sendo violentos.

O fato de esses comentários estarem em uma rede com laços sociais fracos, ajuda a entender que não é um discurso de um grupo fechado, com laços semelhantes ou vínculos *online* bem estabelecidos. É um discurso que se propaga no meio *online* em diversos grupos, e

que é legitimado pela maioria. A violência é combatida com uma violência e um poder de colocação do outro em um lugar menor, no qual a punição vem pela exclusão dos grupos nos quais o gênero e aquilo que se espera deles ainda são muito levados em consideração.

As relações sociais, mesmo em um ambiente *online*, neste caso especificamente, parecem não ter sido repensadas, o que acabou intensificando a violência simbólica de gênero. É preciso avaliar o que as pessoas estão fazendo e como estão propagando o que fazem coletiva e individualmente em rede, para que se compreenda até que ponto um discurso é ou não considerado violento por essas pessoas e, não sendo, os motivos pelos quais há essa potencialização da violência simbólica e de gênero nesses ambientes.

Compreender que discursos violentos e que atacam o ideal performativo e o que se considera como parte do gênero feminino são propagados tão intensamente na rede – e que discursos de reversão desse poder em alguns momentos acabam sendo silenciados – é relevante porque, mesmo que não se consiga viver em uma sociedade na qual os grupos participem plenamente, quando esses diferentes públicos estão ligados em rede, novas fontes de poder persuasivo poderiam surgir. Ao surgindo novas fontes de poder, seria estabelecida, então, uma luta por igualdade e o lado positivo do poder, de que falou Foucault (2014), estas trariam a reversão dos micropoderes por novos discursos em novos contextos históricos.

Referências

- ARENDDT, H. 2009. *Sobre a violência*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 167 p.
- BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Editora Bertrand Brasil S.A., Rio de Janeiro, 311 p.
- BUTLER, J. 2013. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 236 p.
- FACEBOOK. 2014. Ato racista contra Aranha gera comoção nas redes sociais, e torcedora que foi flagrada xingando o goleiro é 'caçada' pelos internautas. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/photos/a.115442961831049.6251.100114543363891/850445291664142/>. Acesso em: 01/01/2015.
- FOUCAULT, M. 1998. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 74 p.
- FOUCAULT, M. 2014. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 431 p.
- HOBBS, T. 2006. *Do Cidadão*. São Paulo, Editora Martin Claret, 174 p.
- HOBBS, T. 2014. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Martin Claret, São Paulo, 544 p.
- LEBRUN, J.-P. 2008. *O futuro do ódio*. Porto Alegre, CMC, 144 p.
- LOURO, G. L. 2004. *Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 96 p.
- MAFFESOLI, M. 1987. *Dinâmica da Violência*. Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, São Paulo, 159 p.
- RECUERO, R. 2009. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 191 p.
- SCOTT, J. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 2(20):71-99.

Submetido: 29/06/2015

Aceito: 29/11/2015